

Ernesto Nazareth: o músico e as marcas

Colaboração especial:

Alexandre Dias e Luiz Antonio de Almeida

(obras de Ernesto Nazareth citadas no capítulo)

Ernesto Júlio de Nazareth (1863-1934), uma das importantes referências da música brasileira, pianista e compositor, tornou-se o mais expressivo nome do “tango brasileiro” - o choro. Suas obras se situam entre o popular e o clássico, daí tendo extraído 211 composições entre tangos, valsas, polcas, hinos, sambas, marchas, quadrilhas, *schottisches*, *fox-trots*, romances, além de outros gêneros. Artista bastante ativo e intérprete constante de suas próprias composições, foi pianista demonstrador, tendo trabalhado na Casa Vieira Machado, Casa Mozart e Casa Carlos Gomes. Trabalhou também na sala de espera do Cine Odeon, onde se notabilizou como principal atração do cinema. Em 1903 teve uma composição sua gravada pela primeira vez em disco, pela Casa Edison. Atuou com importantes nomes do cenário musical brasileiro (Alberto Nepumoceno, Heitor Villa-Lobos, Luciano Gallet, etc.): “Ernesto Júlio de Nazareth foi mais que um pianista de bailes e saraus do final do séc. XIX e início do séc. XX. Ele foi a pessoa que encontrou a maneira mais eficaz de se reproduzir um conjunto de choro no piano, criando um estilo inigualável” (DIAS, s. d.).

Composições suas como *Brejeiro*, *Odeon*, *Bambino*, *Apanhei-te*, *Cavaquinho*, *Expansiva*, *Turbilhão de Beijos*, entre outras, centenárias ou próximas disso, são a melhor resposta da importância e vitalidade de sua obra.

É nesse perfil que vamos encontrar o compositor que revelou uma das mais significativas ligações autorais com a música de propaganda. É em Ernesto Nazareth que, possivelmente, vamos encontrar a melhor expressão da aproximação entre compositor de inequívoca qualidade musical e a música de propaganda, à qual dedicou seu talento. Em termos de quantidade, algo discreto: cerca de 13 composições. Mas, comparado a outros compositores que trilharam pelo mesmo gênero, é um número bastante expressivo – criando músicas que apresentam desde tênues vínculos com a divulgação (publicidade não intencional ou espontânea) de determinada marca até partituras com efetivo objetivo



Ernesto Nazareth

publicitário, conforme se deduz de informação impressa em partituras nas quais se encontra impresso o explícito objetivo comercial da composição.

A primeira incursão de Ernesto Nazareth em composição musical cujo título da partitura está associado a marca comercial ocorreu em 1888, conforme informação localizada por Luiz Antonio de Almeida em jornal: trata-se de *A Fonte do Lambary*, polca para piano. Impressa na própria partitura consta a dedicatória: “Oferecida a Empresa das Aguas do Lambary”. Ainda que “oferecida” à empresa, não se pode descartar seu teor e potencial de exposição da marca.

Luiz Antonio de Almeida, autor de biografia não publicada sobre Ernesto Nazareth, conforme informação fornecida por Alexandre Dias, assim comenta a música:

Quanto a “A Fonte do Lambary”, dedicada à Empresa das Águas do Lambary, das duas uma: ou foi encomendada com o objetivo de divulgar um produto (água mineral) vendido naquele estabelecimento ou, simplesmente, uma méfia do compositor!... Curiosamente, encontramos, da mesma época, uma polca intitulada “Filhinha”, imitação da *polka* “A Fonte do Lambary”, de E. Nazareth, de autoria do ilustre e desconhecido Jacintho Cunha e impressa por Buschmann & Guimarães (ALMEIDA, s. d.[a]).

Com fundamento no comentário de Luiz de Almeida, pode-se especular uma origem para essa composição a partir de possível vínculo entre Ernesto Nazareth e a empresa Águas Lambary, cujo elo seria o estabelecimento Viúva Filippone. Ernesto Nazareth teve, na década de 1880, algumas de suas composições (*Você Bem Sabe, Cruz, Perigo!, Não Caio N’Outra!!!, Não Me Fugas Assim e Beija Flor*) editadas pela Imperial Imprensa de Música de Viúva Filippone (Viúva Filippone) e pela firma sucessora Viúva Filippone & Filha, com loja à Rua do Ouvidor 93, Rio de Janeiro. Aloysio de Alencar Pinto, em artigo sobre Ernesto Nazareth, informa, “como nota pitoresca”, que ao lado do comércio de música, o estabelecimento (Viúva Filippone) “tinha um depósito de todas as águas minerais legítimas”, e era “correspondente direto da Companhia de Vichy” (PINTO, 1963). Em função do relacionamento entre Nazareth e o estabelecimento Viúva Filippone, e pelo fato de esse ser o “Único depósito das Aguas Virtuosas de Lambary e de todas as Aguas Mineraes estrangeiras, como sejam Vichy, Seltz, etc. etc.” (conforme rodapé do *Catálogo Flores do Baile Collecção das Quadrilhas, Polkas e Valsas Mais em Voga, do Imperial Estabelecimento de Músicas e Aguas Mineraes Vva. Filippone & Filha*), é plausível supor uma encomenda de *A Fonte do Lambary* por intermediação da Viúva Filippone, ou da Viúva Filippone a Nazareth, como forma de agradar seu fornecedor, ao mesmo tempo que seria

distribuída entre os fregueses das águas minerais. Suposições.

Essa questão – música intencionalmente composta, ou não, para divulgação do produto ou empresa – enseja uma hipótese: quer tenha sido uma música “oferecida” ou “dedicada” a determinada pessoa ou empresa (que mantém uma relação direta com o título da música), quer tenha sido uma encomenda da empresa para oferecer a seus clientes, fregueses, apreciadores ou compradores, em ambos os casos há a veiculação e evidência da marca através do título, expressão mais visível e constante da música de propaganda no século XIX e décadas iniciais do XX.

Para quem recebesse, ou mesmo adquirisse, uma partitura com o nome de um produto ou estabelecimento, pode-se presumir que o fato da partitura ser “oferecida, pelo compositor, à empresa tal” ou ser “oferecida, ao comprador, pela empresa tal” seria um aspecto menos relevante. O que teria relevância era o título da partitura: *A Fonte do Lambary* – nome a ser lembrado. O fato de os proprietários da Empresa das Águas do Lambary eventualmente terem utilizado a partitura de Ernesto Nazareth como um brinde para distribuição entre seus fregueses tornaria mais explícita e contundente sua função comercial. Caso a partitura não tenha sido utilizada como brinde, ainda assim, de modo involuntário e não proposital, houve exposição da marca através da partitura. Casos como as partituras de *O Espelho*

e *Cabrião*, que, apesar de inicialmente terem sido “oferecidas” por seus compositores a essas publicações, transformaram-se, passando a ser utilizadas como brindes explicitamente anunciados e distribuídos aos assinantes dessas publicações, demonstram esse potencial caráter de composições como essa de Ernesto Nazareth.

De forma semelhante a *A Fonte do Lambary*, em 1903 circulou a primeira edição do tango brasileiro *Pyrilampo*, “dedicado aos laboriosos industriaes Srs. Lima Junior & Cia., proprietarios da importante fabrica de lâmpadas Pyrilampo (ou “véos incandescentes”, conforme manuscrito)”. Na partitura, o título saiu equivocadamente grafado como *Pyrilampago*, apesar de constar



Partitura *Pyrilampo*, de Ernesto Nazareth, 1903 (A Avenida, 12/9/1903, Acervo BN)

Pyrilampo no manuscrito. “Foi publicado pela primeira e única vez em 1903 como parte integrante da revista *A Avenida*, de 12 de setembro, segundo o biógrafo Luiz Antonio de Almeida. Vale destacar que essa é uma das raras peças de Nazareth que não foram lançadas como partitura avulsa, e graças à Biblioteca Nacional hoje se tem acesso a um exemplar de *Pyrilampo*” (CHROMUSIC[a], s. d.). Com o mesmo título e no mesmo ano foi impressa na revista *Tagarela*, “Semanário crítico, humorístico, ilustrado e de propaganda commercial”, em sua edição n. 90, de 12/11/1903, a polca *Pyrilampo*, de José Parga (FRYDMAN, 2008).

Outras possíveis informações sobre esses fabricantes, e que poderiam elucidar um pouco mais sobre essas composições de Nazareth, até o momento não foram localizadas.

Em 1905, foram editadas duas versões relativas ao *Café Ideal*. A música gravada por Pepa Delgado, maxixe com esse mesmo nome, teve sua origem na revista *Cá e Lá* (v. capítulo “Sai o pianista, entra o fonógrafo”). Outra, o tango brasileiro composto por Ernesto Nazareth (em cujo manuscrito consta como “serenata poética”), tem como título *Ideal*. Trazendo impresso na partitura “Dedicado aos compradores do Café Ideal”, foi encomendada pela Casa Pinto & Cia, com estabelecimento à Rua dos Ourives nº 79, no Rio de Janeiro, e impressa pela Tachigraphia e Zincographia E. Bevilacqua & Cia.

Naqueles tempos, as pessoas compravam café em grãos, torrando-os e moendo-os em casa. Daí, acreditamos que esse Café Ideal, “O melhor e mais saboroso – Vende-se em toda parte – Rua da Saúde, 150”, fosse das primeiras marcas a comercializar o produto já em pó e acondicionado em embalagens (ALMEIDA, s. d.[b]).

Duas músicas sobre o mesmo produto compostas no mesmo ano? Qual o motivo de serem publicadas duas versões? Revela, possivelmente, a percepção do senso de oportunidade dos fabricantes, talvez baseados no sucesso da música cantada por Pepa Delgado.

Nesse mesmo ano, Nazareth realiza nova investida em peças musicais publicitárias. Mera coincidência ou sinal de que os fabricantes estavam atentos ao gênero e seus compositores? *Cardosina* é a valsa composta por Ernesto Nazareth e “Oferecida por Almeida Cardoso & Cia a seus distintos freguezes e amigos”.

Nome de xarope fabricado pelo laboratório Almeida Cardoso, *Cardosina* era indicado para “tosses e bronquites” segundo informação da neta dos proprietários da farmácia, Anna Cardoso Duarte Gallo. Luiz Antonio de Almeida traz informação sobre a origem dessa composição:



Partitura *Ideal*, de Ernesto Nazareth, 1905 (Acervo BN)

Homem de muitas amizades, entre as quais a do farmacêutico José Pinto Duarte e sua esposa, Adelaide Cardoso Duarte, proprietária da Farmácia Homeopática Almeida Cardoso (recentemente extinta), Nazareth sempre viveu às voltas com problemas financeiros. E José, ciente disso, sendo dono de alma generosa, procurou ajudá-lo, em certa ocasião, encomendando-lhe uma música para distribuir como brinde; surgindo, assim, a valsa “Cardosina”. (...) Todavia, como a intenção, na verdade, era só a de auxiliar o pianista, pagou-se pelo serviço e a valsa foi parar em uma gaveta, sob a guarda de Maria, filha mais velha de José e Adelaide, lá ficando até a morte desta, sete décadas mais tarde. / Anos depois, Anna Cardoso Duarte Gallo, a caçula da família, fez chegar às mãos da pianista Maria Alice Saraiva e, posteriormente, às minhas, uma cópia de “Cardosina” (ALMEIDA, s. d.[b]).

Para o mesmo laboratório, Nazareth compôs a valsa *Albíncia*, “Pó dentifício, clareia os dentes. Uso moderado” (ALMEIDA, s. d.[b]). Editada, o título da partitura passou a ser *Yolanda*. Indagado sobre qual o motivo dessa mudança de nome, o biógrafo de Ernesto Nazareth, Luiz Antônio de Almeida, por meio de *e-mail* datado de 19/6/2010, informou: “A coisa é bem simples. Como Nazareth não havia editado essa valsa como *Albíncia*, assim que surgiu a oportunidade de editá-la, vinte anos depois, o contexto já era outro. Ele, então, a editou com outro nome, o da filha de um amigo”. No final da primeira década, Ernesto Nazareth compôs o tango *Chave de Ouro*, publicado pela Casa Vieira Machado & Cia, dedicando-o ao amigo Francisco Soares d’Almeida Júnior. Almeida aponta para a possibilidade de esse tango referir-se ao café Chave de Ouro, que ficava localizado, até década de 1940, à Rua São José, em frente à Galeria Cruzeiro. Porém, o próprio Almeida indica que essa correlação entre música e estabelecimento não pode ser conclusiva. *Chave de Ouro* “teve uma gravação realizada pelo pianista brasileiro Artur Camilo na primeira ou segunda década do século e atualmente desaparecida” (DIAS, 2007c).

Entre 1910 e 1913, Nazareth trabalhou na sala de espera do antigo Cinema Odeon, no Rio de Janeiro.

Aos 16 de agosto de 1909 inaugurou-se à Avenida Rio Branco nº. 137, esquina com Rua Sete de Setembro, o mais luxuoso cinema da cidade, o Odeon. Esplêndido cinema, com duas salas de projeção e, próximo à entrada, no saguão de espera, um piano de armário, no qual um pianista procurava distrair o público que aguardava o início das sessões.

Em 1910, Nazareth foi contratado para tocar na sala de espera do Odeon.

Naquele tempo, era costume chegar uma hora antes do filme e ficar apreciando as atividades da sala: pequenas orquestras, músicos típicos ou mesmo um bate-papo. E o nosso compositor virou a “coqueluche” do momento, ficando notório o fato de muita gente ir ao cinema só para ouvi-lo, deixando, inclusive, de assistir aos filmes (ALMEIDA, s. d.[b]).

Logo no primeiro ano, 1910, compôs o tango *Odeon*, dedicando-o à “Empreza Zambelli & Cia”, de Raul Zambelli, tendo ele mesmo editado a partitura; também o próprio Nazareth fez a primeira gravação em disco, no ano de 1912. *Odeon* tornou-se uma de suas músicas de maior sucesso e, como consequência, a música com teor publicitário espontâneo mais marcante e intensamente tocada entre as obras do gênero do autor e também entre todas as músicas que antecederam o *jingle* – fazendo parte, ainda hoje, de regravações.

Composição que poderia também suscitar dúvida sobre intencional teor publicitário é o tango *Soberano*, cuja primeira edição é de 1911-1912 (Ed. Antonio Gomes Guimarães e Ed. Vieira Machado & Cia). “Dedicado ao Venerando e distinto amigo o Snr. Professor Joaquim Alves Ferreira da Gama”, ensejou dúvidas sobre o significado do título:

O biógrafo Luiz Antonio de Almeida levanta as seguintes hipóteses: “seria um adjetivo muito bem aplicado ao ilustre e desconhecido professor Joaquim; uma homenagem ao Cinema Soberano (primeiro nome do Cine Íris, inaugurado em 1909, à Rua da Carioca); ou o nome do famoso cavalo de corrida, campeoníssimo à época, das pistas do Derby Club?...” (DIAS, 2007b).

Composição que introduz sutil solução musical em sua elaboração é *Fon-Fon*, tango “Dedicado ao distinto amigo Mario Baptista Martins Barata”. Editado em 1913 pela Casa Arthur Napoleão, incluso na coleção “Soirées Brasileiras”, o tango homenageia em seu título a revista *Fon-Fon*, que circulou entre 1907 e 1958. A singularidade da música é destacada por Almeida: “Uma curiosidade: em alguns momentos, ouvindo-o, temos a impressão de que o autor procurou representar um carro em movimento, quando até “buzinadas” podemos perceber” (ALMEIDA, s. d.[b]). Ainda que de modo indireto, a “buzinada”, identificada pela onomatopeia “fon-fon”, remete ao título da revista, o que torna Nazareth talvez um dos pioneiros a utilizar, além do próprio título da partitura, um recurso musical associado ao nome do produto.

Indagado sobre em qual gravação seria possível ouvir esses detalhes, Luiz de Almeida informou, por meio de *e-mail* datado de 19/6/2010, que esse efeito

seria “uma sutileza que muitos pianistas não conseguem reproduzir. Não conheço nenhuma gravação em que tal detalhe seja fácil de identificar”.

Dedicada “ao amigo e sobrinho” Luiz Francisco Leal, Nazareth compôs, em 1914, a valsa-rápida *Electrica*. O título – referência a “peça teatral ou revista de pequena duração” – coincide com o nome da fábrica de discos planos inaugurada em 1913 em Porto Alegre: Casa A Eléctrica – talvez uma homenagem do autor ou mesmo uma encomenda (ALMEIDA, s. d.[a]).

Nesse mesmo ano, compôs *Fidalga*, valsa-lenta dedicada “a sua extremosa tia Ludovina Augusta Pereira da Cunha Almeida”, de cujo manuscrito original constava o título “Douleur Suprême” e que passou, após editada, a ser comercializada por 1\$500 (mil e quinhentos reis). “Por sua vez, a Brahma, no ano anterior, lançou no mercado, com grande suporte publicitário, uma cerveja ‘Fidalga’, cujo nome, acreditamos, teria inspirado o compositor” (ALMEIDA, s. d.[b]).

Nessa década, em função de pedido que veio de longe, Ernesto compôs *Topázio Líquido* (ou “XPTO”), nome de cerveja produzida em Manaus. Seu fabricante – o empresário, engenheiro civil e “pianista diletante” Maximino Miranda Corrêa – “fez questão absoluta de associar o nome de Ernesto Nazareth ao de seu produto” na encomenda que havia feito à Casa Vieira Machado & Cia (CHOROMUSIC[b], s. d.).

Primeira fábrica de cerveja e de gelo em Manaus, a Miranda Corrêa & Cia pôde, dessa forma, em 1914, oferecer um especial “Brinde da Cerveja Amazonense aos seus Apreciadores”: a partitura com o tango composto por Ernesto Nazareth. Da partitura de *Topázio Líquido* consta soneto de Gambrinas Junior:

Verdade Suprema

*É mais altiva que da Roma antiga
A história intensa e lembrada da fama
Cujo carro, de esplendido quadriga,
Corre veloz e o nome lhe procclama!*

*Se de Carthagos a lenda austera abriga
Um prodígio de fé, que é a pátria, inflamma
Não menos prodigiosa a graça e amiga
É a que em nós arde, victoriosa chama!*

*Temos orgulho da Amazonia rica
A quem a audácia industrial pertence
Da cerveja melhor que se fabrica*

*Porque a verdade é que nenhuma a vence.
E a melhor dellas distanciada fica,
Da esplendida Cerveja Amazonense!* (ALMEIDA, s. d.[b])

Haveria alguma associação entre o soneto e a música de Nazareth?

“É possível que não, pois quando aplicamos esses versos sobre a música de Nazareth, não se encaixam...”, avalia Luiz Antônio de Almeida em *e-mail* datado de 19/6/2010.

Uma das composições de Nazareth que mais inquietações gera quanto ao seu propósito publicitário é *Succolento*. Originalmente, esse “samba-brazileiro” – apesar de em documento manuscrito existente na Biblioteca Nacional ser indicado como tango –, composto em 1919, teve como “único registro comercial conhecido (...) a gravação da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (por volta de 1919), lançada em 78 RPM pela Odeon Record (121.656)” (DIAS, 2007a).

I Parte

*O Vermutin é bebida excelente,
Deliciosa e até sem rival
O Vermutin faz bem a gente
Toma, meu nego, Vermutin no Carnaval.*

*Experimente que você verá
Que o seu efeito igual não há
Pois o Doutor com tal successo
Na Capital lançou-o já!*

*Quem usa do famoso Vermutin
Tem vida longa, tem vida sem fim
Dá alegria, oh negrada,
Ai, como é bom do Vermutin uma
golada*

*Vae para o céu o seu feliz autor
Da Lugolina inventor
Mas está provado rapaziada
Que é melhor que cajuada*

II Parte

*Declamado ou
cantado
A ninguém cansa
O Vermutin
Do Eduardo França*

*Elle é gostoso
Anima a gente
Ao homem fraco
Fal-o valente*

*Tal descoberta
Tal maravilha
Assim no Céu
Estrella brilha*

*No Carnaval [bis]
É adorado
Toca p'ra frente
S'tá consagrado*

Impresso em 1919 pela Casa Mozart/E. Bevilacqua, *Succolento* é identificado como “Samba Brasileiro aos Carnavalescos de 1919” (MEC, 1963).

Até aí, tratava-se, em princípio, de mais uma composição de Ernesto Nazareth. Entretanto, *Succolento* foi cortejada por um letrista, tornando-se alvo escolhido para um certo Neptuno pôr os versos na música. A letra, denominada *O Vermutin*, feita para ser cantada sobre a melodia de *Succolento*, enaltecia as qualidades desse medicamento, popular na época. Vermutin, produzido pelo Dr. Eduardo França, o mesmo de Lugolina, causaria um certo estardalhaço ao ser utilizado pelo fabricante como tema de composições carnavalescas em 1918 e 1919 (DIAS, 2007b).

Quem era o tal Neptuno? Ernesto Nazareth tinha conhecimento dessa letra? Havia algum relacionamento comercial entre Nazareth e Eduardo França? A música, com a letra, teve gravação em disco?

Antes de mais nada, vamos à letra de *O Vermutin*, conforme Daniela Thompson (2002):

III Parte

Ai que prazer
Ai que alegria
É tão gostoso
Quem tal diria?

Eu aconselho
A toda gente
Que o Vermutin
É excelente!

Elle faz parte
Em grandes festas
Desde o commercio
Té as serestas

Pois não duvidem [bis]
Não há que vêr
No Vermutin
Podem bem crer

IV Parte (para finalizar)

Quem tiver sêde e matal-a quizer
Lembre-se logo de o procurar
Encontrará em toda parte
E o appetite terá bom para o jantar

A minha sogra dele já provou
Logo uma duzia encommendou
E lá p'ra roça enviando
Uma carroça, arrebentou!

O Vermutin é de um tal sabor
Mesmo no tempo do frio ou calor
O camarada vae gostando
E as garrafas é que vão se esvasiando

Chegando á casa o que fui procurar,
Mas no avanço sem pensar
Fiquei assim na esperança
Pois elle já estava na pança!...

A primeira parte da letra consta em um manuscrito do próprio Nazareth, contendo apenas a linha da melodia, indicando como as sílabas deveriam se encaixar à música. Isso sugere que o compositor aceitou a letra feita por Neptuno e a incorporou à música. Porém, o fato de ter sido omitida na edição impressa levanta dúvidas sobre sua efetiva inserção no repertório de Nazareth (DIAS, 2007a).

Em função de esta letra ter sido elaborada abordando o Vermutin, e por ter sido este produto objeto da campanha de Eduardo França para o carnaval, levando-o a fazer um concurso carnavalesco sobre o produto (veja o capítulo “França, Vermutin & Carnaval”), não é improvável que tenha havido uma negociação direta entre Ernesto Nazareth e Eduardo França, intermediados pelos versos de Neptuno, se é que o tal Neptuno não teria sido o próprio França...

Alexandre Dias, em e-mail datado de 18/4/2010, sugere que, “embora Nazareth tenha escrito a letra para algumas de suas músicas sob o pseudônimo de Toneser (anagrama de Ernesto), é provável que, nesse caso, Neptuno não seja o próprio compositor”. Ainda conforme A. Dias, provavelmente havia uma intenção de que a partitura fosse impressa com a letra ou mesmo gravada a música, embora isso não tenha se concretizado.

Encerrado esse “sucedido” capítulo da obra de Nazareth, voltou o autor, em data situada entre 1922 e 1926, a compor outro tango, *Pingüim*, que reaparece, “em 1930, dedicado ao amigo Oscar Rocha, um dos proprietários da casa Ao Pinguim, situado à Rua do Ouvidor, n. 121” (ALMEIDA, s. d.[b]).

O músico faz sua última composição relacionada a empresa em *Cubanos*, tango composto em 1926 e “Oferecido ao Grande Industrial Snr. Fernando Rocha Brito”. Almeida refere-se a essa obra informando que “Ernesto Nazareth trouxe de S.Paulo um ‘tango’ intitulado *Cubanos*; dedicado a Fernando Rocha Brito e cujo nome fora inspirado nos famosos cigarros *Cubanos*, marca “a predileção” desse grande industrial e fumante compulsivo. Sua publicação, porém, só veio à luz em 1970, pela Fermata” (ALMEIDA, s. d.[a]). Indiretamente, Ernesto Nazareth, por conta do vício do amigo, acabou por divulgar, gratuitamente, outro fabricante, aquele dos cigarros *Cubanos*...

Na obra de Nazareth, é possível também identificar uma outra vertente que se situa, presumivelmente, no limiar da música de propaganda: as composições dedicadas aos clubes, grupos, blocos (carnavalescos) – ou seus fundadores, sócios, etc. –, presentes na produção dos compositores desde a segunda metade do século XIX. As atividades sociais, culturais e esportivas às quais se dedicavam essas organizações eram homenageadas através de músicas cujos títulos se reportavam às suas denominações, passíveis de serem vislumbradas, por seus autores, como hinos, ou algo próximo disso, ainda que sua eventual adoção por essas organizações necessite de estudo específico. São de Ernesto Nazareth três composições com esse

Oferecido ao grande industrial Sr. Fernando Rocha Brito - São Paulo

Cubanos

Tango brasileiro

Ernesto Nazareth
1926

Moderato
bem jocoso

Piano

p

cresc.

mf

rall.

f

cresc.

Natura apresenta Nazareth - Edição: Luciana Requião e Monica Leme - Revisão: Alexandre Dias - www.ernestonazareth.com.br

Partitura *Cubanos*, de Ernesto Nazareth, 1926 (Projeto Natura apresenta Nazareth)

perfil: *Bicyclette-club*, tango dedicado à “Directoria do Bicyclette-Club”, associação integrada por ciclistas da cidade do Rio de Janeiro, em um período, final do século XIX, cuja prática ciclística era muito popular entre os cariocas; *Elite Club*, “valsa brilhante para piano” e “Oferecida aos Srs. Sócios fundadores, e à digna Directoria do Elite Club (1900-1901)”; *Ameno Resedá*, polca dedicada ao Rancho Carnavalesco Ameno Resedá (1913).



Detalhe da partitura *Bicyclette-Club* e capa de *Elite Club*, ambas de Ernesto Nazareth (Acervo Discoteca Oneyda Alvarenga)

Convém lembrar que, considerando-se esse perfil, há uma série de músicas dedicadas a clubes, além dessas compostas por Ernesto Nazareth. Somente durante a década de 1910, tendo em conta levantamento específico realizado em revistas do Rio de Janeiro, foram identificadas as seguintes partituras: *Nacional Club*, *Fenianos*, *Jasmim-Club*, *Catumby Club*, *Barretense*, *Sport Club 15 de Novembro*, *Arrelientos*, *As Andorinhas* (FRYDMAN, 2008).



Detalhe da partitura *Nacional Club*, de G. Jorio (Acervo BN)

A Fonte do Lambari

Polca

Ernesto Nazareth
1888

Piano

4

5

17

Natura apresenta Nazareth - Edição: Luciana Requião e Monica Leme - Revisão: Alexandre Dias - www.ernestonazareth.com.br

Partitura *A Fonte do Lambari*, de Ernesto Nazareth, 1888 (Projeto Natura apresenta Nazareth). Primeira composição do músico a trazer o nome de empresa no título.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Antonio de. *Ernesto Nazareth – Vida e obra*. Rio de Janeiro. s. d.[a]. Manuscrito não publicado, consultado com permissão do autor em 2010.

ALMEIDA, Luiz Antonio. *Ernesto Nazareth na publicidade*. Rio de Janeiro. s. d.[b]: Original não publicado.

CHOROMUSIC[a]. Ernesto Nazareth: Obras raras. Disponível em: <http://www.choromusic.com.br/compositores_nazareth_raras_pyrilampo.htm>. Acesso em: março/2010.

- CHOROMUSIC[b]. Ernesto Nazareth: significado dos títulos das músicas compostas.
Disponível em: <http://www.choromusic.com.br/compositores_nazareth_titulos.htm>.
Acesso em: março/2010.
- DIAS, Alexandre. Rei do choro: Ernesto Nazareth. Disponível em:
<<http://www.chiquinhagonzaga.com/nazareth>>. Acesso em: março/2010.
- DIAS, Alexandre. Raras de Nazareth: Succolento. 6/4/2007a. Disponível em:
<<http://sovacodecobra.uol.com.br/2007/04/suculento>>. Acesso em: março/2010.
- DIAS, Alexandre. Raras de Nazareth: Soberano. 6/4/2007b. Disponível em:
<<http://sovacodecobra.uol.com.br/2007/04/suculento>>. Acesso em: março/2010.
- DIAS, Alexandre. Raras de Nazareth: Chave de Ouro. 22/6/2007c. Disponível em:
<<http://sovacodecobra.uol.com.br/2007/06/chave-de-ouro>>. Acesso em: março/2010.
- FRYDMAN, Claudio. *Música em revista* – Rio de Janeiro, 1900-1920. Rio de Janeiro: Escola de Música UFRJ, 2008.
- MEC – Ministério da Educação e Cultura. *Ernesto Nazareth*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1963.
Disponível em: <<http://www.chiquinhagonzaga.com/nazareth/pesquisas/centenario.pdf>>.
Acesso em: março/2010.
- PINTO. Aloysio de Alencar. Ernesto Nazareth/Flagrantes. In: *Revista Brasileira de Música*, Ano II, N.º 5.
Rio de Janeiro, abril-junho de 1963. Disponível em: <http://www.chiquinhagonzaga.com/nazareth/pesquisas/artigo_aloysio.pdf>. Acesso em: março/2010.
- THOMPSON, Daniella. As Crônicas Bovinas. Parte 23ª: Mais sobre Vermutin. 29/11/2002. Disponível em:
<http://daniellathompson.com/Texts/Le_Boeuf/cron.pt.23a.htm>. Acesso em: março/2010.

ACERVOS

- CCSP – Centro Cultural São Paulo. Discoteca Oneyda Alvarenga
- BN – Biblioteca Nacional. Catálogo de Partituras. Disponível em:
<http://catcrd.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=partituras_pr:partituras>
- BN – Biblioteca Nacional. Catálogo de Periódicos. Disponível em: periodicos.bn.br

MÚSICAS - links para ouvir músicas citadas neste capítulo:

- A Fonte do Lambary* – <http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Chave de Ouro* – <http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1> e
<<http://sovacodecobra.uol.com.br/2007/03/ernesto-nazareth-inedito>>
- Cardosina* – <http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Cubanos* – <<http://www.musicabrasilis.com.br/audios.php>> e
<http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Electrica* – <http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Fidalga* – <<http://www.musicabrasilis.com.br/audios.php>> e
<http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Fon-Fon* – <<http://www.musicabrasilis.com.br/audios.php>> e
<http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Ideal* – <http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Odeon* – <<http://server3.pianosociety.com/protected/nazareth-odeon-robson.mp3>>
- Pyrilampo* – <<http://sovacodecobra.uol.com.br/2007/03/ernesto-nazareth-inedito>> e
<http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Soberano* – <<http://sovacodecobra.uol.com.br/2007/03/ernesto-nazareth-inedito>> e
<<http://server3.pianosociety.com/protected/nazareth-soberano-dias.mp3>>
- Succolento* – <<http://sovacodecobra.uol.com.br/2007/03/ernesto-nazareth-inedito>> e
<http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>
- Topázio Líquido* – <http://www.ernestonazareth.com.br/a_obra_de_ernesto_nazareth.php?area=1>